



Rápidas

Assinaturas

Hora de renovar sua assinatura da Atualidades Ornitológicas! Receba mais um ano de muitas informações. A série a seguir é: 199 a 204. Para continuar recebendo a AO basta quitar o boleto que segue anexo em qualquer agência bancária, loteria etc. Ou acessar a loja virtual no endereço www.ao.com.br, cadastrar-se e gerar o boleto.

Ararajubas são levadas a Belém para serem reintroduzidas no habitat



Ararajuba, *Guaruba guarouba*.

Após mais de 60 anos consideradas extintas na região metropolitana de Belém, 12 ararajubas chegaram em agosto de 2017 na cidade, provenientes de São Paulo, para serem reintroduzidas. O projeto é desenvolvido pelo Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Pará e pela Fundação Lymington, de São Paulo. A primeira área a recebê-las será o Parque Estadual do Utinga, em seguida outras áreas da região. O projeto tem a coordenação técnica do prof. Doutor Luis Fábio Silveira, do Museu de Zoologia da USP e execução do biólogo Marcelo Vilara, mestre pela Unicamp. Os últimos registros da espécie na região foram feitos por volta da década de 50 e sua extinção local é atribuída à expansão urbana, desmatamento e comércio ilegal. A distribuição atual da espécie é em pequenas partes dos estados do MA, PA e AM. Segundo Silveira, a espécie tem se reproduzido bem em cativeiro. A ararajuba é espécie ameaçada de extinção, na categoria “Vulnerável”. Fonte: G1 – Globo.

Norte da Bahia poderá ganhar duas Unidades de Conservação para reintrodução da ararinha-azul

Em estudo pelo ICMbio, a proposta é criar Área de Proteção Ambiental (APA) com 120,4 mil ha e um Refúgio de Vida Silvestre (RVS) com 28,9 ha, nos municípios de Juazeiro e Curaça, onde historicamente a espécie ocorreu na caatinga baiana. Extinta na natureza desde o ano 2000, sobreviveu em cativeiro, tendo atingido atualmente uma população de 150 indivíduos, em criadouros do Brasil e exterior. Pretende-se iniciar as solturas em 2021. Estudos de viabilidade das novas unidades de conservação foram feitas pelo Cemave, com a ajuda de parceiros. Além da ararinha, as unidades protegerão outras espécies, entre elas a maracanã-verdadeira (*Primolius maracana*). A instituição das duas unidades será feita por decreto presidencial.



Ararinha-azul, *Cyanopsitta spixi*.

Nova espécie descoberta e já extinta:

Pyrrhula crassa, dos Açores



Recomposição artística e crânio de *Pyrrhula crassa*.

Os ossos da espécie foram descobertos na cratera Fuma do Calcinhas, no vulcão Caldeira da ilha Graciosa. Desapareceu há centenas de anos devido à colonização das ilhas e à introdução de plantas invasoras. A identificação taxonômica se deu principalmente pelo bico da ave. Acredita-se que a espécie vivia nas florestas de louro que existiam na ilha e que fósseis possam ser encontrados em outras ilhas açorianas. Fonte: Zootaxa.

Nova espécie de dinossauro de pescoço longo, crista e penas é descoberta na China

A nova espécie, descoberta na China, na província de Jiangxi, viveu no Cretáceo Superior, entre 66 e 100 milhões de anos. Pertencente ao grupo do oviraptorossauros, foi descrita na revista Scientific Reports, por Junchang Lü, do Instituto de Geologia de Pequim. Os fósseis achados sugerem que o espécime era um adulto jovem com pelo menos oito anos. Um traço característico do animal é sua crista, que lembra a protuberância do casuar, ave não alada da Austrália e que segundo os autores teria as funções de exibição, comunicação e acasalamento.



Corythoraptor jacobsi. Foto: Zhao Chuang.

Cantando com as asas!



Em uma pequena floresta no oeste dos Andes equatorianos, uma pequena ave com cor de chocolate com o alto da cabeça vermelha canta a partir de seu pouso: *bip-bip-wanngg*, parecido com o som de uma guitarra elétrica. Alguns rivais cantam em seguida, em rápida resposta. O grupo de pípridos “cantam” juntos para atrair uma fêmea. O estranho som é acompanhado por um igualmente estranho movimento. Eles abrem as asas ao lado do corpo para emitirem os “bips” e em seguida as elevam acima do corpo para produzir o *wanngg*. E a fêmea demonstra achar este barulho charmoso. Fonte: New York Times.

Lista de animais ameaçados de extinção na Bahia relaciona 331 espécies

A Secretaria Estadual do Meio Ambiente – SEMA, da Bahia, publicou em 16/8/2017 lista de animais ameaçados no estado, após avaliar 2.607 espécies da fauna consideradas raras, endêmicas ou sob ameaça de extinção. Entre outros, estão na lista a onça-pintada, ararinha-azul, gavião-real, papagaio-de-peito-roxo, águia-cinzenta, tartaruga-de-pente, tartaruga-verde, aranha-caranguejeira, cobra-coral, cobra-verde, pica-pau-amarelo, estrela-do-mar, cação, cavalo-marinho, piaba, peixe-serra, atum-azul, o bugio-marrom. O próximo passo é a conclusão dos Planos de Ação das espécies ameaçadas e a listagem da flora ameaçada. Segundo a SEMA, a elaboração da lista contou também com o Instituto Driades de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade, universidades federais e estaduais e Inema, totalizando 115 especialistas de 40 instituições.

Por que os psitacídeos comem terra na Amazônia?

Há duas hipóteses: para neutralizar toxinas de plantas e para obter nutrientes escassos. Para isto, psitacídeos de mais de 18 espécies visitam as barrancas do rio Tambopata, próximo do Centro de Pesquisa do mesmo nome, no sudeste do Peru. A teoria dos nutrientes é melhor aceita e uma das comprovações é que os lugares onde a geofagia ocorre, estão distantes do oceano e por isto as plantas dali têm quantidades menores de sódio. O sódio é fundamental para o balanço entre água e eletrólitos



Ara macao, *Ara ararauna* e *Amazona farinosa*. Foto: Donald Brightsmith / Tambopata Macaw Project.)

e para o funcionamento dos nervos e contração muscular. Análises do solo dessa região mostraram ser ele particularmente rico em sódio, com concentração a 40 vezes a encontrada nas plantas consumidas pelas aves. Isto é explicado pela região já ter sido ocupada por mares internos. Por outro lado, as plantas são ricas em potássio, que interfere com a absorção do sódio e aumenta sua excreção, aumentando a privação desse elemento. Pesquisadores e observadores de aves descobriram que a geofagia varia sazonalmente e que aumenta no período reprodutivo, quando a necessidade nutricional é maior, confirmando a hipótese do nutriente. Se o principal motivo da geofagia fosse pelo efeito antitóxico, aumentaria quando as aves são forçadas a comerem plantas diferentes de sua dieta habitual, o que não se comprovou. Fonte: Tambopata Macaw Project.

Mães acompanham filhos na observação de aves



Tânia e André.

“Sempre gostei de estar no meio da natureza e sempre quis que meus filhos tivessem esse contato. André gostava de animais desde pequeno e percebi isso quando, aos quatro anos, ele me mostrou a rainha em um formigueiro. Ele me levou junto em alguns trabalhos de campo e, cada vez mais, a beza e a paixão com que falava das aves, com que as travava ao examiná-las, me encantaram e marcaram muito. Acompanhei André em alojamentos dos parques que ele estudava. E claro, aproveitei para fotografar”. A observação de aves também une o fotógrafo Luciano Bernardes

Tânia Mara de Camargo é professora, pedagoga e há quatro anos observa e fotografa aves, por influência do filho André Camargo Guaraldo.



Dina e Luciano.

e a mãe, Dina Galdino. “Sempre tive contato com as aves e a natureza por ter passado minha infância na zona rural de Caconde (SP). Mas depois de visitar algumas vezes a casa de meu filho, pude ver que ele estava fotografando aves. Luciano me convidou para acompanhá-lo em uma saída fotográfica e eu topei. É uma enorme terapia, e fica ainda melhor quando estamos ao lado de pessoas que amamos e confiamos de verdade”. Luciano disse que “ela ficou apaixonada logo no primeiro dia, desde então não parou mais. É muito legal que ela se esforça e busca sempre o melhor ângulo para uma boa foto. Depois contamos as horas para ver o resultado”. Fonte: G1 - Globo.

Rio: metrópole das aves



Aluizio Derizans e seu comedouro.

A cidade do Rio de Janeiro abriga 520 espécies de aves. A diversidade de ambientes, com o mar e as florestas, justificam essa diversidade. E muitas espécies aprenderam a viver na cidade usando as árvores das ruas e avenidas com prolongamento da floresta, como explica Henrique Rajão que lidera um passeio mensal de observação de aves no Jardim Botânico, onde podem ser vistas 162 espécies. Espécies em extinção têm sido vistas com frequência, como o tucano-de-bico-preto, reintroduzido nos anos 70 e que visita bairros arborizados vizinhos das matas. Da mesma forma reapareceu o canário-da-terra que, segundo Fernando Pacheco, pode ser devido a mudanças de comportamento da população, com o abandono de estilingues pelas crianças. Chama também a atenção a presença na cidade do bacurau-da-telha, cuja voz é confundida pelas pessoas com corujas. Fonte: O Globo. <https://goo.gl/zx917H>